

Vinculação aos pais e pares enquanto preditor de ansiedade social em adolescentes.

Márcia Filipa Coelho Teixeira

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Orientação: Prof.^a Doutora Paula Vagos

Outubro, 2018



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Márcia Filipa Coelho Teixeira

Vinculação aos pais e pares enquanto preditor de ansiedade social em adolescentes

Dissertação apresentada na Universidade Portucalense Infante D. Henrique para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, na área de especialização em Psicologia Clínica e da Saúde, realizada sob a orientação científica da Prof. Dr^a Paula Vagos.

Departamento de Psicologia e Educação

Outubro, 2018



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Agradecimentos

Chega ao fim uma etapa bastante exigente, mas gratificante, na qual serve de base para o início de outra etapa enquanto profissional.

Agradeço aos pais, pelo apoio e presença em todos os momentos; pela motivação, compreensão e amor incondicional. Pela demonstração de um caminho, guiando-me.

Ao Gabriel, por ser o melhor companheiro da vida. Por me ouvir, apoiar, mimar e incentivar quando o cansaço se apoderava. Por me fazer ver coisas em mim em que eu me esquecia. Pelas vezes em que ficou do meu lado e me apoiou nas dificuldades informáticas, pelos cozinhados energéticos com um sabor doce “Vai tudo correr bem. Vais ter o que mereces”.

À minha orientadora, a Prof. Doutora Paula Vagos, pela motivação, paciência, orientação, confiança, disponibilidade e exigência que me permitiu sempre ir mais além. Por saber ouvir e me fazer sempre acreditar que iria conseguir.

Um agradecimento especial a todas as direções das escolas que tão prontamente aceitaram colaborar e apoiar a investigação, a todos os encarregados de educação e participantes.

A ti Padrinho, que tantas vezes me ouvis-te e apoias-te. Por continuares a fazer parte da minha vida e do meu sucesso.

Aos meus amigos.

A todos que de alguma forma participaram nesta caminhada.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo estudar o impacto da vinculação aos pais e pares sobre a ansiedade social em adolescentes num período de quatro meses. A amostra utilizada na presente investigação previu-se que fosse de conveniência geográfica (i.e., distrito do Porto) composta por 364 adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, de ambos os sexos, frequentadores do 9º ao 12º ano de escolaridade de escolas públicas. Foi aplicado um questionário sociodemográfico e duas escalas, em contexto de sala de aula, em tempo disponibilizado pelos professores, em dois momentos diferentes, com um iato temporal de 4 meses. Os resultados obtidos indicam que os construtos em análise são variáveis ao longo do período em estudo, bem como existir uma relação preditiva entre a ansiedade social ao longo dos dois momentos embora não exista uma relação preditiva da vinculação sobre a ansiedade social.

Palavras-Chave: Vinculação ao Pai, Vinculação à Mãe, Vinculação aos Amigos, Ansiedade Social, Adolescência

Abstract

The present study aims to assess the role of peer and parents attachment on the development of social anxiety in teenagers during a period of four months. The sample used in the present investigation was predictedly of geographic convenience (*i.e.* Oporto district) composed of 364 teenagers with ages ranging from 12 to 18 years old of both genders and currently attending public schools from the 9th to 12th grades. A sociodemographic survey was conducted and two scales applied, both in classroom context, in a specific time provided by teachers, in two different moments, with a temporal hiatus of 4 months. The results indicate that the constructs under analyses are variable throughout the study period, as weel predictive relationship between social anxiety during the two moments, although there is no predictive relation of the linkage on social anxiety.

Key Words: Father Attachment, Mother Attachment, Friend Attachment, Social Anxiety

Índice

| | |
|---|----|
| Introdução | 8 |
| Método | 13 |
| Amostra | 13 |
| Procedimento..... | 14 |
| Amostragem..... | 14 |
| Análise de Dados | 14 |
| Instrumentos..... | 15 |
| Resultados | 16 |
| Discussão dos Resultados | 24 |
| Referências Bibliográficas | 29 |
| ANEXOS | 33 |
| Anexo I..... | 34 |
| Anexo II..... | 35 |

Anexos

| | |
|--|-----------|
| <i>Anexo I - Medidas de assimetria e curtose e testes de normalidade para as variáveis em estudo</i> | <i>34</i> |
| <i>Anexo II - Correlação entre as variáveis de ansiedade social e vinculação.....</i> | <i>35</i> |

Lista de Tabelas

| | |
|--|----|
| Tabela 1. Medidas descritivas e de consistência interna do momento 1 e do momento.. | 17 |
| Tabela 2. Correlação entre as variáveis avaliadas no momento 1 com o momento 2.... | 18 |
| Tabela 3. Análise Regressiva sob a variável dependente, Desempenho 2..... | 20 |
| Tabela 4. Análise Regressiva sob a variável dependente, Observação 2..... | 21 |
| Tabela 5. Análise Regressiva sob a variável dependente, Interação 2..... | 24 |

Introdução

A adolescência é uma fase de desenvolvimento apenas recentemente diferenciada da infância e da idade adulta, descrita e perspectivada como um conjunto de mudanças (fisiológicas, cognitivas e sociais) que decorrem no seio de contextos importantes, como a família, o grupo de pares e o meio escolar (Sprinthall & Collins, 1999)

O adolescente no seu contexto mais natural, a escola, é um ser humano em desenvolvimento rápido, experienciando mudanças drásticas, e exposto a variadas experiências e oportunidades. Na transição entre ser criança e ser adulto, o adolescente procura experimentar diversos papéis, nomeadamente sociais e profissionais, e é extremamente vulnerável à influência de pares, que tanto pode contribuir para o sucesso académico e psicossocial, como para a iniciação de comportamentos desviantes e de risco, de entre os quais ganham hoje especial relevo a violência e delinquência, o alcoolismo, a toxicod dependência, e a sexualidade precoce (Sprinthall & Collins, 1999). Uma socialização bem-sucedida permite ao adolescente conhecer-se e reconhecer-se pelos olhos dos outros, de forma realista. A sua identidade adulta é assim desenvolvida, permitindo ao adolescente a futura integração social e profissional que o tornarão cidadão ativo e saudável (Papalaia, Olds, & Feldman, 2001; Tarrant, MacKenzie, & Hewitt, 2006).

As dificuldades de relacionamento com os outros, e especialmente com os pares, por medo ou por incompetência, são, assim, uma dificuldade real e de risco na adolescência (Z. Del Prette & Del Prette, 1999; Silva, 2004).

A resposta ansiosa é algo que pertence ao sistema adaptativo de sobrevivência do ser humano e que desempenha funções úteis em variadas situações. A ansiedade social é a ansiedade experimentada em situações sociais, sendo um fenómeno frequente num grande número de indivíduos, mas em graus ligeiros, ou seja, não impedindo um funcionamento social adequado. Contudo, em alguns indivíduos, esta ansiedade experimentada em situações sociais atinge graus tão elevados que interfere no funcionamento social e, em alguns casos, leva os indivíduos a evitarem estas mesmas situações de forma a não sentirem a ansiedade (Pinto & Gouveia, 2000).

A ansiedade social é particularmente manifesta na adolescência, o que se torna fácil de explicar atendendo às características próprias desta fase. A adolescência é comumente caracterizada na literatura como a procura dum lugar independente no

sistema social fora da família, sendo nesta fase que a aceitação pelo grupo de pares adquire um papel fundamental. Uma vez que a aceitação dos pares depende da forma como o indivíduo é percebido, a adolescência é o período no qual as pessoas se tornam, pela primeira vez, conscientes da importância das impressões que podem causar nos outros. Ao mesmo tempo os adolescentes vão sendo confrontados com inúmeras situações novas e com o desempenho de novos papéis que os deixam inseguros, diminuindo, por sua vez, a sua confiança em conseguir causar a impressão desejada (Cunha, 2005). A ansiedade social parece ter expressões diferenciadas em diferentes fases da adolescência, caracterizando-se numa fase precoce predominantemente pelo medo cognitivo de ser avaliado negativamente, nomeadamente pelo sexo oposto. Numa fase mais tardia passa por se caracterizar mais intensamente pela inibição e stress, principalmente em situações formais (Cunha, 2005; Levpuscek, 2004).

O adolescente com ansiedade social usualmente manifesta menor nível de competências sociais, suscitando repostas menos favoráveis na interação social (Alfano, Beidel, & Turner, 2006; Erath, Flanagan, & Bierman, 2007).

Os modelos neurobiológicos sobre ansiedade social têm concluído que existem vários fatores que poderão estar envolvidos como fatores biológicos, experiências sociais traumáticas, características da personalidade do indivíduo e fatores familiares. Estas investigações têm sugerido que o desenvolvimento da ansiedade social é complexo e por isso mesmo resulta da interação dos vários fatores anteriormente expostos (Pinto-Gouveia, 2000).

Alguns estudos sugerem que existe uma disfunção no sistema do transmissor da dopamina nos indivíduos com a perturbação da ansiedade social tal como acontece na doença de Parkinson. Parece que uma baixa ação da dopamina aumenta o risco do desenvolvimento da perturbação da ansiedade social (Richard, Schiff & Kurlan, 1996).

Um dos primeiros modelos psicológicos que explicou a ansiedade social foi o de Beck, Emery e Greenberg (1985) que consideravam que os indivíduos com ansiedade social teriam um autoesquema ineficaz e incompetente para enfrentar situações sociais. Este autoesquema teria uma origem desenvolvimental, quando a criança ou adolescente enfrenta situações sociais que ultrapassam as suas competências sociais leva ao sentimento de insegurança sobre as mesmas. Esta insegurança vai provocar o desenvolvimento de um receio em não ter capacidades para lidar com as situações sociais ou comportar-se de forma ridícula. Por sua vez, este medo manter-se-á ao longo do tempo mesmo que o adolescente tenha adquirido competências sociais adequadas. Sendo assim,

os indivíduos começam a perceber as situações sociais como ameaçadoras e vão-se tornar extremamente sensíveis a qualquer situação que envolva avaliação dos outros, o que os leva a processar informação distorcida relativamente à atenção, avaliação e interpretação de qualquer situação social. Em suma, estes indivíduos vão mantendo ao longo do tempo pensamentos negativos sobre si mesmos o que os leva a procurar seletivamente provas que comprovem as suas visões negativas reforçando as suas crenças e mantendo os sintomas da ansiedade social. O facto de sistematicamente estes indivíduos processarem ao nível cognitivo as informações de maneira errada faz com que mantenham os pensamentos enviesados sobre eles mesmos.

O que contribui para a manutenção da ansiedade social são os processos de antecipação da situação social temida assim como também o processamento informativo que o sujeito faz após vivenciar a situação social temida (i.e., ruminação). Quando um ansioso antecipa uma situação social que interpreta como ameaçadora, começa a antever detalhadamente cenários possíveis do que pode acontecer, esperando frequentemente que esses cenários sejam de valência negativa. Nesta fase de antecipação, relembra acontecimentos fracassados e foca-se em imagens negativas dele próprio. Por vezes esta ansiedade antecipatória é tão elevada que leva ao evitamento destas situações, mas quando isso não acontece o indivíduo no momento em que enfrenta as situações sociais temidas já vai com um nível elevado de ansiedade e com a atenção autofocada, que faz com que não consiga perceber possíveis sinais tranquilizadores, o que interfere negativamente no seu comportamento social, tornando-o inadequado e ineficaz (Clark & Wells, 1995).

Segundo Vertue 2003, a qualidade de vinculação entre pais e filhos é um fator que pode influenciar a ansiedade social.

Cada vez torna-se mais evidente que todos os seres humanos, de qualquer idade, conseguem ter mais felicidade e capacidade em desenvolver as suas competências quando têm alguém, uma ou mais pessoas, que nos momentos mais difíceis os possam ajudar. A pessoa em que se confia este papel é então a figura de vinculação que se torna numa base segura onde o ser humano pode recorrer. A vinculação é definida como um laço afetivo que o indivíduo cria com a figura de vinculação que se encontra mais próxima em situações de desconforto (Bowlby, 1979 in Danquah & Berry, 2014).

Durante a adolescência a vinculação sofre algumas alterações pois outros adultos podem assumir um papel com uma importância igual ou maior que a dos pais e por outro lado começa a surgir o interesse sexual pelos pares. Importa referir que no caso dos

adolescentes existe uma enorme variação individual num lado extremo estão os adolescentes que se desligam por completo dos pais e no lado oposto temos aqueles adolescentes que continuam intensamente vinculados aos pais e que se tornam incapazes e receosos de direcionar o seu comportamento de vinculação a outras pessoas. Entre estes dois extremos encontram-se então a grande maioria dos adolescentes que são aqueles que permanecem a vinculação com pais, mas que ao mesmo tempo conseguem estabelecer vínculos com outras pessoas. Para a maioria dos indivíduos o vínculo com as figuras parentais mantém-se pela vida adulta e afeta o comportamento de variadíssimas formas (Bowlby,1983).

Na verdade, nesta etapa do desenvolvimento, o apoio e disponibilidade dos pais constitui uma base sólida para a exploração de interações com os pares. Calado e Carvalho (2007), verificaram que uma vinculação segura ao pai estava correlacionada significativamente com a proximidade aos pares nos adolescentes de 17 e 18 anos e uma vinculação segura à mãe estava correlacionada com a proximidade ao namorado, embora esta última não atingisse a significância estatística.

Hazan e Zeifman (1994), ao estudarem a transferência dos componentes de vinculação, verificaram que no que diz respeito ao protesto de separação e base segura, apenas no final da adolescência (entre os 15 e 17 anos) estes componentes foram transferidos para os amigos, sendo que até este período os pais continuam a servir como bases seguras e alvos de protesto de separação. Todavia, as autoras verificaram que uma pequena minoria destes adolescentes mais velhos (apenas 41%), transfere estes dois componentes, formando deste modo completas relações de vinculação com os pares. Ainda neste estudo, dos 41% que consideraram um par como figura primária de vinculação, 83% nomearam um parceiro romântico. Também Friedlmeier e Granqvist (2006), num estudo longitudinal com adolescentes, verificaram que as funções de vinculação são transferidas das figuras dos pais para os pares segundo uma sequência em que os componentes são transferidos passo a passo. Também segundo os resultados desta investigação, uma história de vinculação com a mãe, percebida como insegura, e não com o pai, estava associada a uma elevada transferência para os pares.

Larose e Boivin (1998) concluíram que os adolescentes que percebem uma vinculação segura a ambos os pais apresentam expectativas mais elevadas de apoio pelos pares, sendo que a vinculação com as figuras primárias da infância serve como uma base segura a partir do qual podem explorar o mundo social. Na verdade, a visão das relações de vinculação com os dois pais constitui o background do processo de transferência,

permitindo prever a introdução dos amigos na hierarquia de vinculação (Nickerson & Nagle, 2005).

As diferenças ao nível da vinculação com o pai e a mãe parecem ter influência ao nível do desenvolvimento das competências sociais e emocionais, pois, segundo Verschuere & Marcoen (1999) a representação positiva do eu parece estar mais associada com a representação da vinculação com a mãe do que com a representação da vinculação com o pai. E parece que as competências sociais estão mais associadas à representação da vinculação com o pai do que à representação de vinculação à mãe. Isto sugere que há possibilidade das relações de vinculação estabelecidas pelas crianças com o pai e com a mãe terem componentes específicas que podem influenciar o desenvolvimento de forma complementar.

Os jovens adolescentes que reportaram altos níveis de suporte dos pais (mas não das mães), foram menos nomeados pelos pares como rejeitados e vítimas (Rubin, Dwyer, BoothLaForce, Kim, Burgess, Rose-Krasnor, 2004). Também Calado e Carvalho (2007, cit. por Calado, 2008) verificaram que uma vinculação segura ao pai se correlacionava com a proximidade aos pares.

Vários estudos associam a vinculação segura a menores índices de preocupação (Brown & Whiteside, 2008). Nesta, a criança percebe-se como socialmente competente, revela elevada qualidade nas relações entre pares (Bosquet & Egeland, 2006) e apresenta uma diminuição do risco de desenvolvimento de sintomas de ansiedade e depressão (Jakobsen, Horwood, & Fergusson, 2012; Muris, Meesters, Melick, & Zwambag, 2001). Por oposição, a vinculação insegura estabelecida com as figuras parentais associa-se a comportamentos socialmente inibidos (Muris & Meesters, 2002; Shamir-Essakow, Ungerer, & Rapee, 2005).

Bosquet e Egeland (2006) afirmam que padrões de vinculação ambivalente contribuem para dificuldades de regulação da emoção em anos pré-escolares e tais dificuldades, estão associados a sintomas de ansiedade com o decorrer da infância. Do mesmo modo, uma relação de vinculação insegura na infância está associada a representações negativas de relacionamento entre pares na pré-adolescência, que por sua vez, se traduz no aumento de ansiedade social na adolescência.

O padrão de vinculação ambivalente relaciona-se com comportamentos submissos que desencadeiam uma maior rejeição pelos pares (Irons & Gilbert, 2005), impede o desenvolvimento de estratégias de regulação emocional eficazes (Esbjorn, Reinholdt-Dunne, Munck, & Ollendick, 2012) e encontrasse consistentemente relacionado com a

ansiedade social (Brumariu & Kerns, 2008; Brumariu, Obsuth, & Lyons-Ruth, 2013; Eng, Heimberg, Hart, Schneier, & Liebowitz, 2001).

Neste contexto, padrões de vinculação insegura, desorganizada ou ambivalente podem contribuir significativamente para o início e/ou manutenção de perturbações de ansiedade (Bogels & Brechman-Toussaint, 2006; Brumariu, Obsuth, & Lyons-Ruth, 2013; Esbjorn, 2012; Muris & Meesters, 2002; Manassis, 2001).

O objetivo deste estudo é estudar o impacto da vinculação aos pais e pares sobre a ansiedade social em adolescentes, utilizando um desenho longitudinal a quatro meses. Como objetivos específicos pretende-se: 1) estudar a estabilidade da qualidade da vinculação aos pares e pais e da ansiedade social ao longo de um período de quatro meses; 2) estudar o poder preditivo da vinculação a cada uma das figuras significativas sobre a ansiedade social praticada em vários contextos que foram avaliados ao longo de um período de quatro meses.

As hipóteses definidas para o estudo, prevê que uma maior qualidade de vinculação ao pai e mãe terá impacto em menores níveis de ansiedade social ao longo de um período de quatro meses; uma maior qualidade de vinculação à mãe terá impacto em menores níveis de ansiedade social ao longo de um período de quatro meses e uma maior qualidade aos pares terá impacto em menores níveis de ansiedade social ao longo de um período de quatro meses.

Método

Amostra

A amostra utilizada na presente investigação previu-se que fosse de conveniência geográfica (i.e., distrito do Porto) composta por 364 adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos ($M = 16,44$ $DP = 1,51$), de ambos os sexos, nomeadamente 226 raparigas e 138 rapazes frequentadores do 9º ao 12º ano, sendo que 35 sujeitos são frequentadores do 9º. ano de escolaridade, 118 sujeitos são frequentadores do 10º. Ano, 106 são frequentadores do 11º. ano de escolaridade e 105 são do 12.º ano de escolaridade de escolas públicas.

A distribuição de rapazes e raparigas é semelhante nos anos de escolaridade, não sendo estatisticamente significativo, $\chi^2(3)=5,33$, $p=,149$. Os rapazes e raparigas estão em média nas reprovações, não sendo estatisticamente significativo, $\chi^2(1)=2,03$, $p=,154$. A diferença de idades são iguais por sexo, não sendo estaticamente significativo, $\chi^2(10)=13,81$, $p=,182$.

Procedimento

Amostragem

Foram contactadas as escolas para formalizar as devidas autorizações, do ministério da educação, das respetivas escolas, dos encarregados de educação e o consentimento dos próprios participantes. Após obtida a autorização formal dos estabelecimentos de ensino e encarregados de educação dos alunos que aceitaram colaborar, os participantes foram esclarecidos que seriam respeitados a confidencialidade e anonimato de todos os dados recolhidos. Foi aplicado um questionário sociodemográfico com o objetivo dos resultados obtidos no primeiro momento fazerem antever o segundo. Procedeu-se, à aplicação das escalas, em contexto de sala de aula, em tempo disponibilizado pelos professores. O emparelhamento dos questionários respondidos nos diferentes momentos de avaliação foi feito com base no número de série atribuído a cada participante, sendo que não foram solicitados dados à escola além daqueles obtidos no inquérito sociodemográfico de forma a salvaguardar a confidencialidade. A recolha destes dados foi utilizada unicamente para este fim. Após quatro meses precisamente aplicaram-se novamente os mesmos instrumentos, aos mesmos alunos.

Análise de dados

A análise de dados foi de natureza quantitativa. Os dados recolhidos foram inseridos e analisados através do software IBM SPSS Statistics. Através do programa foi feita uma análise descritiva da amostra geral (distribuição de frequências e médias) para estabelecer as características de perfil da mesma. De seguida, foi analisada a normalidade dos dados, tendo-se concluído que nenhuma das variáveis seguia a distribuição normal, face a estes resultados procedeu-se à utilização de testes não paramétricos. De seguida, foram realizadas análises de correlação, que se traduziu em correlações positivas e nesse sentido, justificou analisar-se regressões múltiplas. Foram tratadas como variáveis independentes a vinculação à mãe, ao pai e aos amigos, e como variável dependente a Ansiedade Social, em concreto, as três dimensões, observação em situações sociais, desempenho em situações sociais formais e interação social em situações novas.

Instrumentos

A recolha de dados foi concretizada através da aplicação de um questionário sociodemográfico, sendo que as informações recolhidas foram relativas à idade, sexo, ano de escolaridade, o número de repetições (se as houvesse), profissões e escolaridade dos pais. O emparelhamento dos questionários respondidos nos diferentes momentos de avaliação foi feito com base no número de série atribuído a cada participante, sendo que não foram solicitados dados à escola além daqueles obtidos no inquérito sociodemográfico de forma a salvaguardar a confidencialidade. A recolha destes dados foi utilizada unicamente para este fim.

Escala de Ansiedade e Evitamento de Situações Sociais para Adolescentes (Cunha, Pinto Gouveia & Salvador, 2002).

A EAESSA, é uma escala de autorrelato constituída por 34 itens que são respondidos por recurso a duas subescalas, a de desconforto/ansiedade e a de evitamento. A pontuação de cada item pode variar entre 1 e 5 (i.e., 1= nenhum; 5= muitíssimo) para o desconforto/ansiedade, (i.e., 1= nunca; 5= quase sempre) para o evitamento. Apenas será utilizada a medida de desconforto/ansiedade na presente investigação. A construção da escala para a população portuguesa em 2002 (Cunha, Pinto Gouveia & Salvador, 2002), sugeriu resultados indicadores de um instrumento fidedigno e válido para investigação da ansiedade social em adolescentes. Ambas as escalas revelaram boa consistência interna: para a subescala desconforto/ansiedade o *alfa de Cronbach* foi igual a .91 e para a subescala de evitamento foi de .87. Na presente investigação a consistência interna da EAESSA foi exanimada através do cálculo de alfa de Cronbach que revelou valores satisfatórios de consistência interna para as três dimensões, que revelou valores satisfatórios de consistência interna para a a dimensão “Desempenho em situações sociais formais” (.87), “Interação em situações sociais novas” (.84), “Observação em situações socais” (.91).

Inventário de Vinculação aos Pais e Pares (IPPA; Neves, Soares, & Silva, 1993)

O Inventário de Vinculação na Adolescência é uma versão Portuguesa adaptada do Inventory of Parent and Peer Attachment de Armsden & Greenberg (1987). É um questionário de autorrelato constituído por 75 itens integrando dimensões comportamentais, afetivas e cognitivas da vinculação. O sujeito indica como se sente relativamente a figuras que lhe são significativas (i.e., mãe, pai e amigos) numa escala *likert* de 5 pontos (i.e., 1= quase nunca ou nunca; 5= quase sempre ou sempre). Os *alpha de Cronbach* revelaram-se bastante satisfatórios (variando de .92 a .95), o que revela bons índices de consistência interna nas três escalas. Na presente investigação a consistência interna do IPPA foi examinada através do cálculo de *alfa de Cronbach* para as três escalas que revelou valores satisfatórios de consistência interna para a escala da vinculação à mãe (.91); ao pai (.93) e aos amigos (.94).

Resultados

Numa fase preliminar foi analisada a normalidade dos dados, tendo-se concluído que nenhuma das variáveis seguia a distribuição normal (consultar anexo I). Em concreto, no momento 1 e para as medidas de ansiedade social, o valor máximo de assimetria encontrado foi (i.e. 2,04) e o valor mínimo (i.e. ,045). Já para as medidas de vinculação, para a assimetria o valor máximo encontrado foi para a Ansiedade de Observação (i.e. 1,44) e o valor mínimo na Ansiedade de Desempenho (i.e. ,045). Já para as medidas de vinculação, o valor máximo de curtose encontrado foi para a escala Vinculação aos Amigos (i.e. ,477) e o valor mínimo na Vinculação à Mãe (i.e. ,013). Para a assimetria o valor máximo encontrado foi para a Vinculação aos Amigos (i.e. -,747) e o valor mínimo na Vinculação ao Pai (i.e. -,448). No que respeita ao momento 2, e para as medidas de ansiedade social, o valor máximo de curtose encontrado foi para a escala Ansiedade de Observação (i.e., 2.28) e o valor mínimo de curtose obtido foi na Ansiedade de Desempenho (i.e. -,009) , enquanto o valor máximo de assimetria encontrado foi para a Ansiedade de Observação (i.e. 1.49) e o valor mínimo obtido de assimetria foi encontrado na Ansiedade de Desempenho (i.e. -,009). Já para as medidas de vinculação o valor máximo de curtose encontrado foi para a escala Vinculação aos Amigos (i.e. 465) e o

valor mínimo na Vinculação à Mãe (i.e, -,239). Para a assimetria o valor máximo encontrado foi para a Vinculação aos Amigos (i.e, -,651) e o valor mínimo encontrado foi para a Vinculação ao Pai (i.e, -,435). Posto isto, a análise de dados recorreu a testes não paramétricos.

Para responder à hipótese de estabilidade dos níveis de ansiedade social e qualidade de vinculação ao longo do período de 4 meses, compreendido no estudo entre o momento 1 e o momento 2, procedeu-se à análise comparativa entre as médias de cada momento para cada variável (consultar tabela 1).

Com os resultados encontrados é possível verificar-se que não há estabilidade, uma vez que os resultados da comparação de médias foram sempre significativos (i.e, $p < .05$). Há uma diminuição dos níveis de ansiedade social e da qualidade de vinculação à mãe do momento 1 ao momento 2 e um aumento da qualidade de Vinculação ao Pai e aos Amigos (ver tabela 1).

Tabela 1. Medidas descritivas e de consistência interna do momento 1 do momento 2

| | Momento1 | | | Momento2 | | | |
|-------------------------|----------|-------|-------|----------|-------|-------|----------|
| | α | M | DP | α | M | DP | U |
| Ansiedade de Observação | 0,84 | 14,77 | 5,86 | 0,87 | 13,90 | 6,12 | -5,03*** |
| Ansiedade de Desempenho | 0,80 | 11,50 | 4,88 | 0,84 | 11,00 | 4,64 | -4,03*** |
| Ansiedade de Interação | 0,91 | 42,16 | 13,84 | 0,92 | 40,70 | 14,54 | -3,09** |
| Vinculação à mãe | 0,93 | 79,04 | 17,31 | 0,93 | 74,68 | 16,55 | -8,36*** |
| Vinculação ao Pai | 0,94 | 72,66 | 19,87 | 0,94 | 73,23 | 20,43 | -2,14* |
| Vinculação aos Amigos | 0,91 | 70,20 | 10,77 | 0,91 | 72,90 | 12,01 | -5,11*** |

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .0001$

A variável Vinculação ao pai avaliada no momento 1, correlaciona-se positivamente quando avaliada no momento 2 (consultar tabela 2). O mesmo se sucede com as outras variáveis (Vinculação à mãe e aos amigos).

A variável Vinculação à Mãe no momento 1 e 2 , apresentou correlações positivas estatisticamente significativas ($p=,000$) com a ansiedade social de observação, de desempenho e de interação.

A variável Vinculação ao Pai no momento 1 e 2 , apresentou correlações positivas estatisticamente significativas (valor máximo encontrado $p=,000$ e o mínimo $p=,002$) com a ansiedade social de observação, de desempenho e de interação.

A variável Vinculação aos amigos no momento 1 e 2 , apresentou correlações positivas estatisticamente significativas (valor máximo encontrado $p=,000$ e o mínimo $p=,002$) com a ansiedade social de observação e de interação. A variável Desempenho no momento 2 demonstrou correlações negativas ($p=,063$).

Após estas análises, procedeu-se para as análises de regressão.

Tabela 2. Correlação entre as variáveis avaliadas no momento 1 com o momento 2

| | Momento 2 | | | | | |
|---------------|-----------|--------|--------|--------|--------|--------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| Momento1 | | | | | | |
| 1)Mãe | ,83** | ,47** | ,34** | -,29** | -,29** | -,25** |
| 2) Pai | ,49** | ,81** | ,31** | -,28** | -,28** | -,25** |
| 3) Amigos | ,28** | ,19** | ,64** | -,21** | -,18** | -,11** |
| 4) Interação | -,28** | -,39** | -,32** | ,68** | ,58** | ,60** |
| 5) Observação | -,30** | -,37** | -,29** | ,57** | ,69** | ,51** |
| 6) Desempenho | -,34** | -,39** | -,20** | ,55* | ,53** | ,78** |

* $p < .05$ ** $p < .01$

Foram encontradas correlações positivas entre as variáveis de vinculação entre si, e entre as variáveis de ansiedade social. Em alternativa, as correlações entre as variáveis de vinculação e as variáveis de ansiedade foram negativas. Isto foi válido para o momento 1 e o momento 2 (consultar anexo II).

As variáveis Interação Social em situações sociais novas, Desempenho em situações formais e Observação Social que permitem avaliar a Ansiedade Social no momento 1 e 2, segundo o bloco 1 e 2, contribuíram para explicar 77,6% da variância da variável dependente “Desempenho 2” (consultar tabela 3).

A variância explicada é estatisticamente significativa diferente de 0 $F(5,149)=99,91$, $p=,000$.

Todas as variáveis têm um valor de Beta estatisticamente significativo, com exceção de uma, “Observação 1”. Com estes resultados permite afirmar que elas têm um poder preditivo estatisticamente significativo e em direções diferentes. Quanto maior a ansiedade social de interação social no momento 1, menor a ansiedade social no desempenho no momento 2. Quanto maior a ansiedade social de desempenho no momento 1, maior a ansiedade social no desempenho no momento 2. Quanto maior a

ansiedade social de observação no momento 1, menor a ansiedade de desempenho no momento 2. Quanto maior a ansiedade de interação no momento 2, maior a ansiedade de desempenho no momento 2. Quanto maior a ansiedade de observação no momento 2, maior a ansiedade de desempenho no momento 2.

Ao acrescentar as variáveis relativas à Vinculação ao Pai, Mãe e Amigos do momento 1, segundo o bloco 3, a variância explicada da variável dependente “Desempenho 2” é de 78,1%.

A variância explicada é estatisticamente significativa $F(8,149)=62,96, p=,000$.

Quanto ao contributo das variáveis relativas á qualidade da vinculação no momento 1, verificou-se que a mudança do $r^2=,005$, não foi estatisticamente significativo $F= (3,141), 1,08, p=,358$, nenhuma das vinculações a qualquer uma das figuras em análise se mostrou um preditor significativo da variância “Desempenho 2”. O sucessivo acréscimo de variáveis independentes relativas à vinculação ao pai, mãe e amigos do momento 2.

Segundo o bloco 4 contribuíram para explicar 78,5% da variância da variável dependente “Desempenho 2”.

A variância explicada é estatisticamente significativa diferente de 0 $F(11,149)=45,75, p=,000$, embora o contributo específico das variáveis ora acrescentadas não tenha sido estatisticamente significativa (i.e., $F= (3,138), 750, p=,524$).

Nenhuma das vinculações se apresentou como preditores estatisticamente significativos.

Tabela 3. Análise Regressiva sob a variável dependente, Desempenho 2

| | B | EP | Δr^2 |
|-----------------------|--------------------|-----|--------------|
| Bloco 1 ($r^2=,60$) | | | |
| Interação 1 | ,92** | .03 | |
| Desempenho1 | ,64*** | .06 | |
| Observação 1 | -,08* | .06 | ,60 |
| Bloco 2 ($r^2=,78$) | | | |
| Interação2 | ,11*** | .03 | |
| Observação2 | ,22*** | .06 | 1,38 |
| Bloco 3 ($r^2=,78$) | | | |
| Vinculação_Mãe1 | ,01 ^{ns} | .02 | |
| Vinculação_Pai1 | ,001 ^{ns} | .02 | |
| Vinculação Amigos1 | ,04* | .02 | 79,39 |
| Bloco 4 ($r^2=,79$) | | | |
| Vinculação_Mãe2 | ,01 ^{ns} | .02 | |
| Vinculação_Pai2 | -,01 ^{ns} | .02 | |
| Vinculação Amigos2 | -,03* | .02 | 80,16 |

Nota: O bloco 1 e 3 consideram dados recolhidos no momento 1. Os blocos 2 e 4 consideram dados recolhidos no momento 2.

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .0001$ ns = não significativo

As variáveis Interação Social em situações sociais novas, Desempenho em situações formais e Observação Social que permitem avaliar a Ansiedade Social no momento 1 e 2, segundo o bloco 1 e 2, contribuíram para explicar 77,1% da variância da variável dependente “Observação 2” (consultar tabela 4).

A variância explicada é estatisticamente significativa diferente de 0 $F(4,151)=123,89$, $p=,000$.

Todas as variáveis têm um valor de Beta estatisticamente significativo. Com estes resultados permite afirmar que elas têm um poder preditivo estatisticamente significativo e em direções diferentes.

Quanto maior a ansiedade social de interação social no momento 1, menor a ansiedade social de observação no momento 2. Quanto maior a ansiedade social de observação no momento 1, maior a ansiedade social de observação no momento 2. Quanto maior a ansiedade social de interação no momento 2, maior a ansiedade social de observação no momento 2. Quanto maior a ansiedade social de desempenho no momento 2, maior a ansiedade social de observação no momento 2.

As variáveis Interação Social em situações sociais novas, Desempenho em situações formais e Observação Social e Vinculação ao Pai, Mãe e Amigos do momento 1 que permitem avaliar a Ansiedade Social no momento 1 e 2, segundo o bloco 3, contribuíram para explicar 77,4% da variância da variável dependente “Observação 2”.

A variância explicada é estatisticamente significativa diferente de 0 $F(10,151)=49,58$ $p=,000$.

Quanto ao contributo da variável “Vinculação” no momento 1, verificou-se que a mudança do $r^2=,002$, não foi estatisticamente significativo $F= (3,144)$, 518 , $p=,671$.

Nenhuma das vinculações se apresentou como preditores estatisticamente significativos.

As variáveis Interação Social em situações sociais novas, Desempenho em situações formais e Observação Social e Vinculação ao Pai, Mãe e Amigos do momento 1 que permitem avaliar a Ansiedade Social no momento 1 e 2, segundo o bloco 4, contribuíram para explicar 77, 9% da variância da variável dependente “Observação 2”.

A variância explicada é estatisticamente significativa diferente de 0 $F(11,149)=45,75$, $p=,000$.

Quanto ao contributo da variável “Vinculação” no momento 2, verificou-se que a mudança do $r^2=,005$, não foi estatisticamente significativo $F= (3,141)$, $1,045$, $p=,375$.

Nenhuma das vinculações se apresentou como preditores estatisticamente significativos.

Tabela 4. Análise Regressiva sob a variável dependente, Observação 2

| | B | EP | Δr^2 |
|------------------------|---------------------|-----|--------------|
| Bloco 1 ($r^2=,44$) | | | |
| Interação 1 | -,19*** | ,04 | |
| Observação 1 | ,45*** | ,07 | ,44 |
| Bloco 2 ($r^2=,77$) | | | |
| Interação2 | ,30*** | ,03 | |
| Desempenho2 | ,26** | ,08 | 1,21 |
| Bloco 3 ($r^2=,76$) | | | |
| Vinculação à Mãe1 | -,006 ^{ns} | ,03 | |
| Vinculação ao Pai1 | ,04 ^{ns} | ,02 | |
| Vinculação aos Amigos1 | ,03 ^{ns} | ,03 | 1,97 |
| Bloco 4 ($r^2=,76$) | | | |
| Vinculação_Mãe2 | -,007 ^{ns} | ,03 | |
| Vinculação_Pai2 | -,02 ^{ns} | ,02 | |
| Vinculação Amigos2 | -,04 ^{ns} | ,03 | 2,73 |

Nota: O bloco 1 e 3 consideram dados recolhidos no momento 1. Os blocos 2 e 4 consideram dados recolhidos no momento 2.

** $p < .01$ *** $p < .0001$ ns= não significativo

As variáveis Interação Social em situações sociais novas, Desempenho em situações formais e Observação Social que permitem avaliar a Ansiedade Social no momento 1 e 2, segundo o bloco 1 e 2, contribuíram para explicar 80,1% da variância da variável dependente “Interação 2” (tabela 6).

A variância explicada é estatisticamente significativa diferente de 0 $F(4,154)=151,32, p=,000$.

Todas as variáveis têm um valor de Beta estatisticamente significativo, com exceção de uma, “Desempenho 1”. Com estes resultados permite afirmar que elas têm um poder preditivo estatisticamente significativo e em direções diferentes. Quanto maior a ansiedade social de interação no momento 1, maior a ansiedade social de interação no momento 2. Quanto maior a ansiedade social de desempenho no momento 1, menor a ansiedade social de interação no momento 2. Quanto maior a ansiedade social de desempenho no momento 2, maior a ansiedade social de interação no momento 2. Quanto maior a ansiedade social de observação no momento 2, maior a ansiedade social de desempenho no momento 2.

As variáveis Interação Social em situações sociais novas, Desempenho em situações formais e Observação Social e Vinculação ao Pai, Mãe e Amigos do momento 1 que permitem avaliar a Ansiedade Social no momento 1 e 2, segundo o bloco 3, contribuíram para explicar 80,4% da variância da variável dependente “Interação 2”.

A variância explicada é estatisticamente significativa diferente de 0 $F(7,154)=86,14, p=,000$.

Quanto ao contributo da variável “Vinculação” no momento 1, verificou-se que a mudança do $R^2=,003$, não foi estatisticamente significativo $F= (3,147), 649 p=,585$.

Nenhuma das vinculações se apresentou como preditores estatisticamente significativos.

As variáveis Interação Social em situações sociais novas, Desempenho em situações formais e Observação Social e Vinculação ao Pai, Mãe e Amigos do momento 1 que permitem avaliar a Ansiedade Social no momento 1 e 2, segundo o bloco 4, contribuíram para explicar 80,7% da variância da variável dependente “Interação 2”.

A variância explicada é estatisticamente significativa diferente de 0 $F(10,154)=60,37, p=,000$.

Quanto ao contributo da variável “Vinculação” no momento 1, verificou-se que a mudança do $R^2=,003$, não foi estatisticamente significativo $F= (3,144), 851 p=,468$.

Nenhuma das vinculações se apresentou como preditores estatisticamente significativos.

As variáveis Interação Social em situações sociais novas, Desempenho em situações formais e Observação Social que permitem avaliar a Ansiedade Social no momento 1 e 2, segundo o bloco 1 e 2, contribuíram para explicar 80,1% da variância da variável dependente “Interação 2” (consultar tabela 5).

A variância explicada é estatisticamente significativa diferente de 0 $F(4,154)=151,32, p=,000$.

Todas as variáveis têm um valor de Beta estatisticamente significativo, com exceção de uma, “Desempenho 1”. Com estes resultados permite afirmar que elas têm um poder preditivo estatisticamente significativo e em direções diferentes. Quanto maior a ansiedade social de interação no momento 2, maior a ansiedade social de interação no momento 2. Quanto maior a ansiedade social de desempenho no momento 1, menor a ansiedade social de interação no momento 2. Quanto maior a ansiedade social de desempenho no momento 2, maior a ansiedade social de interação no momento 2. Quanto maior a ansiedade social de observação no momento 2, maior a ansiedade social de desempenho no momento 2.

As variáveis Interação Social em situações sociais novas, Desempenho em situações formais e Observação Social e Vinculação ao Pai, Mãe e Amigos do momento 1 que permitem avaliar a Ansiedade Social no momento 1 e 2, segundo o bloco 3, contribuíram para explicar 80,4% da variância da variável dependente “Interação 2”.

A variância explicada é estatisticamente significativa diferente de 0 $F(7,154)=86,14, p=,000$.

Quanto ao contributo da variável “Vinculação” no momento 1, verificou-se que a mudança do $R^2=,003$, não foi estatisticamente significativo $F= (3,147), 649 p=,585$.

Nenhuma das vinculações se apresentou como preditores estatisticamente significativos

As variáveis Interação Social em situações sociais novas, Desempenho em situações formais e Observação Social e Vinculação ao Pai, Mãe e Amigos do momento 1 que permitem avaliar a Ansiedade Social no momento 1 e 2, segundo o bloco 4, contribuíram para explicar 80,7% da variância da variável dependente “Interação 2”.

A variância explicada é estatisticamente significativa diferente de 0 $F(10,154)=60,37, p=,000$.

Quanto ao contributo da variável “Vinculação” no momento 1, verificou-se que a mudança do $R^2 = ,003$, não foi estatisticamente significativo $F = (3,144)$, 851 $p = ,468$.

Nenhuma das vinculações se apresentou como preditores estatisticamente significativos.

Tabela 5. Análise Regressiva sob a variável dependente, Interação 2

| Bloco 1 ($r^2 = ,54$) | B | EP | Δr^2 |
|-------------------------|--------------------|-----|--------------|
| Interação 1 | ,44*** | ,06 | |
| Desempenho1 | -,53* | ,21 | ,54 |
| Bloco 2 ($r^2 = ,80$) | | | |
| Desempenho2 | ,96*** | ,22 | |
| Observação2 | 1,001*** | ,13 | 1,34 |
| Bloco 3 ($r^2 = ,80$) | | | |
| Vinculação à Mãe1 | -,05 ^{ns} | ,06 | |
| Vinculação ao Pai1 | -,03 ^{ns} | ,05 | |
| Vinculação aos Amigos1 | -,07 ^{ns} | ,07 | 2,14 |
| Bloco 4 ($r^2 = ,81$) | | | |
| Vinculação_Mãe2 | ,05 ^{ns} | ,06 | |
| Vinculação_Pai2 | ,06 ^{ns} | ,05 | |
| Vinculação Amigos2 | ,006 ^{ns} | ,06 | 2,95 |

Nota: O bloco 1 e 3 consideram dados recolhidos no momento 1. Os blocos 2 e 4 consideram dados recolhidos no momento 2.

* $p < .05$ *** $p < .0001$ ns = não significativo

Discussão

O presente trabalho teve como objetivo estudar o impacto da vinculação aos pais e pares sobre a ansiedade social em adolescentes num período de quatro meses. Em concreto, foi explorada quer, a estabilidade temporal das variáveis em estudo, quer o impacto da primeira sobre a segunda ao longo do tempo.

Na adolescência, período caracterizado por uma intenção em estabelecer uma maior independência relativamente aos cuidadores primários, a fim de adquirir maiores níveis de autonomia e diferenciação (Allen & Land, 1999), existem dados que comprovam relações entre a vinculação aos dois pais e a ansiedade social, mostrando que a vinculação com os progenitores assume também uma importância crítica nesta fase da vida. Na verdade, nesta etapa do desenvolvimento, o apoio e disponibilidade dos pais constitui uma base sólida para a exploração do meio.

Os resultados obtidos indicam que os construtos em análise variam ao longo do período em estudo, bem como existir uma relação preditiva entre a ansiedade social ao longo dos dois momentos embora não exista uma relação preditiva da vinculação sobre a ansiedade social, seja ao nível da interação social, do desempenho social formal, ou da observação por terceiros.

Com os resultados encontrados é possível verificar-se que não há estabilidade temporal entre os níveis de ansiedade social e qualidade de vinculação ao longo do período de 4 meses. Estes resultados não foram de encontro ao esperado, onde se antevia essa estabilidade.

O contributo das variáveis relativas à qualidade de vinculação ao pai, à mãe e aos amigos, não foi estatisticamente significativo, sendo que nenhuma das figuras de vinculação se mostrou como preditor significativo das variáveis dependentes em análise (i.e., ansiedade no desempenho social formal, interação social e observação por terceiros). Nesse sentido, é possível afirmar-se que as hipóteses desta investigação não se confirmam, sendo que uma maior qualidade de vinculação ao pai, mãe e pares não tem impacto em menores níveis de ansiedade social ao longo de um período de quatro meses. Pelo contrário, a ansiedade previu-se a si própria.

Existem vários fatores que poderão estar envolvidos na etiologia da ansiedade social, tal como os modelos neurobiológicos sobre ansiedade social, referem fatores biológicos, experiências sociais traumáticas, características da personalidade do indivíduo e fatores familiares. Estas investigações têm sugerido que o desenvolvimento da ansiedade social é complexo e por isso mesmo resulta da interação dos vários fatores anteriormente expostos (Pinto-Gouveia, 2000). Neste sentido, poderá explicar a variância da ansiedade social, sendo que os contributos de diversos fatores etiológicos explicam que a vulnerabilidade da ansiedade social resulta da conjugação de características genéticas ou hereditárias, fatores de personalidade ou temperamento, tipos particulares de experiências interpessoais com outros significativos, sucesso ou fracasso social obtido nessas mesmas experiências interpessoais, e significado cultural destas consequências sociais. Nenhum destes fatores é determinante no surgimento, desenvolvimento ou manutenção da ansiedade social, parecem ser apenas fatores de risco, que em conjunto poderão representar maior propensão a esta dificuldade interpessoal. Pelo facto, de existirem diversos fatores envolvidos na ansiedade social e de acordo com os resultados encontrados, a vinculação em concreto poderá não ter surgido como significativa.

Com os resultados encontrados verificou-se que todas as variáveis utilizadas para avaliar a ansiedade social, assumem um poder preditivo estatisticamente significativo (i.e., da interação social, do desempenho social formal, ou da observação por terceiros), seja a nível longitudinal (i.e., dados recolhidos no 1º momento permitem prever os dados recolhidos no 2º momento) ou a nível transversal (i.e., dados recolhidos no 2º momento em variáveis adjacentes permitem prever dados recolhidos no mesmo momento). Estes resultados indicam que a ansiedade social poderá se manter a si própria em ciclos interpessoais autossustentados, tanto na sua forma específica (i.e., quando a mesma variável dependente é avaliada nos dois momentos) como de uma forma generalizada (i.e., entre variáveis que avaliam diferentes formas ou tipologias de ansiedade social).

Nesse sentido, desenvolver modelos compreensivos e de intervenção junto a adolescentes, numa perspetiva preventiva e de promoção de competências, será um passo a seguir. A intervenção psicológica precoce nesta dificuldade social assume particular importância através de programas de intervenção nas várias faixas etárias, uma vez que a ansiedade social existe ao longo de um continuum de intensidade e severidade até à sua forma patológica, podendo prolongar-se ao longo da vida do indivíduo. Ainda que face à heterogeneidade da ansiedade social seja salientada a importância de adequar os programas de intervenção às características do sujeito em específico (Hofmann, 2007), a intervenção cognitivo-comportamental com treino de competências sociais tem-se revelado eficaz e relativamente isenta de custos face à ansiedade social, com efeitos positivos a longo prazo, quer considerando de forma isolada a exposição comportamental ou a reestruturação cognitiva (Gil, Carrillo, & Meca, 2001; Lincoln, 2003; Pinto-Gouveia, 2000; Rowa & Antony, 2005), e também na infância e adolescência (Isolan, Pheula, & Manfro, 2007).

As estratégias cognitivo-comportamentais vão de encontro a que a ansiedade social (e as crenças que a sustentam) se sustenta a si própria e nesse sentido, precisa de ser trabalhada em si mesma. As estratégias cognitivo-comportamentais, que objetivam a mudança cognitiva, na representação de si próprio, do custo social e probabilidade de eventos sociais negativos, e a exposição comportamental, por aumentar a autoeficácia percebida, são consideradas importantes mediadores da mudança terapêutica na ansiedade social (Hofmann, 2007).

O mesmo para as competências sociais, que permitem relações que põem em causa o ciclo interpessoal que mantem a ansiedade social. O treino de competências sociais surge igualmente como pertinente (Gil, et al., 2001), sendo que a promoção de

competências assertivas e de gestão de conflitos permitirá sucesso social na exposição comportamental e o consequente reforço da percepção das relações como menos competitivas e mais cooperativas (Gilbert, 2000).

A presença dos pais e também dos pares em programas que recorrem aos pais na intervenção, tem-se mostrado útil. Tal faria prever a importância da vinculação associada à ansiedade social. Os mecanismos estudados na presente investigação talvez não permitam compreender de que forma os pais e pares podem contribuir para a ansiedade social. A aliança terapêutica surge como uma preocupação acrescida, por poder ser perturbada pelo ciclo interpessoal característico da ansiedade social (Kachin, et al., 2001). É importante que a relação terapêutica seja conscientemente construída como um modelo positivo, de encorajamento e confiança no desempenho social e controlo de ansiedade social que se pretende aumentar no adolescente (Pinto-Gouveia, 2000). Por fim, outro aspeto merecedor de atenção é o formato da intervenção, sendo que o formato em grupo e a participação dos pais face a momentos e aspetos chave da intervenção parecem ter obtido os melhores resultados (Gil, et al., 2001; Isolan, et al., 2007).

Em relação aos que indicaram que a vinculação não prever a ansiedade social, pode estar relacionado com a idade dos participantes (i.e., 15 a 18 anos) e com o espaçamento de quatro meses entre os dois momentos de recolha de dados. A adolescência, é uma fase desenvolvimental de transformações psicológicas, emocionais e cognitivas em que os adolescentes querem afirmar a sua identidade, o que poderá ter contribuído para a variabilidade de resultados encontrados.

Existem vários fatores explicativos da variância de ansiedade social que podem assentar numa fase mais precoce do desenvolvimento e o peso da vinculação desenvolvida na infância, seja diminuta na adolescência. Sendo que a vinculação decorre ao longo de todo o ciclo vital, poderá assumir diferentes funções ao longo da trajetória desenvolvimental do indivíduo, uma vez que as necessidades se alteram em função de mudanças no contexto, no próprio indivíduo, que podem influenciar respostas comportamentais em diferentes contextos sociais. No decurso da adolescência novas alterações desenvolvimentais são possíveis relativamente às representações da vinculação (Atger, 2002/2004). Van Wel (1994) refere que a qualidade da relação pais/adolescentes segue uma evolução curvilínea desde os 12 até aos 24 anos. Ainda segundo este autor, o comportamento do adolescente perante as suas figuras de vinculação, descrito frequentemente como conflituoso, confuso e contraditório, só poderá ser entendido no contexto de todas as mudanças desenvolvimentais que acompanham este período.

Para a seleção dos instrumentos utilizados foram previamente tidos em consideração critérios de fidelidade e validade para a investigação científica e para a população portuguesa que justificassem a sua pertinência para analisar os objetivos propostos, tais como bons índices de consistência interna em todas as suas dimensões e escalas. Os resultados encontrados na presente investigação justificam e validam a sua utilização, revelando bons índices de consistência interna nas duas escalas utilizadas. O instrumento utilizado apela a aspetos conscientes do adolescente, pelo que se percebe não apenas a influência (i.e., do pai, da mãe dos amigos) enquanto figuras, mas também ao nível da sua representação.

Este estudo apresenta uma limitação que diz respeito à natureza da amostra, sendo esta uma amostra diversificada, incluindo sujeitos de ambos os sexos de diferentes faixas etárias. Seria pertinente ter em consideração diferenças de género nas representações da vinculação aos pais e pares e diferenças de idade, uma vez que elas poderão ser diferentemente valorizadas consoante a idade dos sujeitos (i.e., início ou adolescência tardia). Para seleccionar a amostra, é necessário ter vários cuidados, para garantir que ela é uma representação válida da população, considerando dois grandes aspetos: a significância e a representatividade. Pela primeira, entende-se o número de amostra; pela segunda a sua qualidade, que é dependente do processo pelo qual foi seleccionada, ou seja, do processo de amostragem (L. Almeida & Freire, 2007).

A presente investigação como um todo permitiu aliar a investigação orientada para a compreensão da ansiedade social, respondendo, assim, a uma necessidade que se vinha fazendo sentir, nomeadamente no nosso país. Os resultados obtidos permitem contributos para a psicologia clínica aplicada junto a adolescentes.

Apesar dos resultados encontrados não irem de encontro ao esperado, acredito que a qualidade da investigação, os contributos obtidos se traduzem num tributo positivo para a compreensão e intervenção junto aos adolescentes, cujas dificuldades tantas vezes passam despercebidas. O maior contributo que espero ter trazido com este trabalho, é afirmar a preocupação com a compreensão e a promoção do bem-estar bem como o desenvolvimento psicossocial do adolescente.

Referências Bibliográficas

- Alfano, C., Beidel, D. C., & Turner, S. M. (2006). Cognitive correlates of social phobia among children and adolescents. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 34(2), 189-201.
- Atger, F. (2004). Vinculação e adolescência. In N. Guedeney & A. Guedeney (Coord.). *Vinculação. Conceitos e aplicações* (pp. 147-156). Lisboa: Climepsi (obra original publicada em 2002).
- Beck, A. T., Emery, G. & Greenberg, R. L. (1985). *Anxiety disorders and phobias: A cognitive perspective*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1983). *Attachment and loss*, Vol. 1: Attachment. (2nd ed.). New York: Basic Books.
- Bogels, S. M., & Brechman-Toussaint, M. L. (2006). Family issues in child anxiety: Attachment, family functioning, parental rearing and beliefs. *Clinical Psychology Review*, 26, 834-856. DOI: 10.1016/j.cpr.2005.08.001
- Bosquet, M., & Egeland, B. (2006). The development and maintenance of anxiety symptoms from infancy through adolescence in a longitudinal sample. *Development and Psychopathology*, 2, 517-550. DOI: 10.1017/S0954579406060275
- Brown, A. M., & Whiteside, S. P. (2008). Relations among perceived parental rearing behaviors attachment style, and worry in anxious children. *Journal of Anxiety Disorders*, 22, 263-272. DOI:10.1016/j.janxdis.2007.02.002
- Brumariu, L. E., & Kerns, K. A. (2008). Mother-child attachment and social anxiety symptom in middle childhood. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 29, 393-402. DOI: 10.1016/j.appdev.2008.06.002
- Brumariu, L. E., Obsuth, I., & Lyons-Ruth, K. (2013). Quality of attachment relationships and peer relationship dysfunction among late adolescents with and without anxiety disorders. *Journal of Anxiety Disorders*. 27, 116-124. DOI:10.1016/j.appdev.2008.06.002.
- Calado, F. & Carvalho, A (2007). *Vinculação Segura Vs Vinculação Insegura: a Transferência dos Componentes na Adolescência*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

- Clark, D. M. & Wells, A. (1995). A cognitive model of social phobia. In R. Heimberg, M. Liebowitz, D. A. Hope, & F. R. Schneier (Eds.), *Social phobia: Diagnosis, assessment and treatment*. (pp. 69–93). New York: Guilford Press.
- Danquah, A., N., & Berry, K. (2014). *Attachment theory in adult mental health: a guide to clinical practice*. Abingdon, Oxon: Routledge.
- Del Prette, Z., & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das habilidades sociais -Terapia e educação*. Rio de Janeiro: Vozes Editora.
- Erath, S. A., Flanagan, K. S., & Bierman, K. L. (2007). Social anxiety and peer relations in early adolescence: Behavioral and cognitive factors. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 35(3), 405-416.
- Esbjorn, B. E., Bender, P. K., Reinholdt-Dunne, M. L, Munck, L. A., & Ollendick, T. H. (2012). The development of anxiety disorders: Considering the contributions of attachment and emotion regulation. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 15, 129-143.
- Friedlmeier, W. & Granqvist, P. (2006). Attachment transfer among Swedish and German adolescents: A prospective longitudinal study. *Personal Relationships*, 13, 261-279
- Gil, P. J. M., Carrillo, X. M., & Meca, J. S. (2001). Effectiveness of cognitive-behavioural treatment in social phobia: A meta-analytic review. *Psychology in Spain*, 5(1), 17.
- Gilbert, P. (2000). The relationship of shame, social anxiety and depression: The role of the evaluation of social rank. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 7(3), 174-189.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. *Advances in Personal Relationships*, 5, 151-177.
- Hofmann, S. G. (2007). Cognitive factors that maintain social anxiety disorder: A comprehensive model and its treatment implications. *Cognitive Behaviour Therapy*, 36(4), 193-209.
- Irons, C. & Gilbert, P. (2005). Evolved mechanisms in adolescent anxiety and depression symptoms: The role of the attachment and social ranks systems. *Journal of Adolescence*, 28, 325-341. DOI: 10.1016/j.adolescence.2004.07.004
- Isolan, L., Pheula, G., & Manfro, G. G. (2007). Tratamento do transtorno de ansiedade social em crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 34(3), 125-132.

- Jakobsen, I. S., Horwood, L. J., & Fergusson, D. M. (2012). Childhood anxiety/withdrawal, adolescent parent-child, attachment and later risk of depression and anxiety disorder. *Journal of Child and Family Studies*, 21, 303-310.
- Kachin, K. E., Newman, M. G., & Pincus, A. L. (2001). An interpersonal problem approach to the division of social phobia subtypes. *Behavior Therapy*, 32(3), 479-501.
- Larose, S., & Boivin, M. (1998). Attachment to Parents, Social Support Expectations and Socioemotional Adjustment During the High School-College Transition. *Journal of Research on Adolescence*, 8(1), 1-27.
- Muris, P., & Meesters, C. (2002). Attachment, behavioral inhibition and anxiety disorders symptoms in normal adolescents. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 24, 97-106.
- Nickerson, A., & Nagle, R. J. (2005). Parent and Peer Attachment in Late Childhood and Early Adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 25(2), 223-249.
- Papalaia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). Adolescência. In D. E. Papalaia, S. W. Olds & R. D. Feldman (Eds.), *O mundo da criança* (pp. 502-610). Lisboa: McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Pinto-Gouveia, J. (Ed.). (2000). *Ansiedade social: Da timidez à fobia social*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Richard, I.H., Schiff, R.B. & Kurlan, R. (1996) Anxiety and Parkinson's disease. *J Neuropsychiatry ClinNeurosci* ;8:383-392.
- Rubin, K. H., Dwyer, K. M., Booth, C. L., Kim A. H., Burgess, K. B., & Rose -Krasnor, L. (2004). Attachment, friendship, and psychosocial functioning in early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 24, 326-356.
- Silva, A. (2004). *Desenvolvimento de competências sociais*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Sprinthall, N. A., & Collins, W. A. (1999). *Psicologia do adolescente - Uma abordagem desenvolvimentista* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tarrant, M., MacKenzie, L., & Hewitt, L. A. (2006). Friendship group identification, multidimensional self-concept, and experience of developmental tasks in adolescence. *Journal of Adolescence*, 29 (4), 627-640.

- Verschueren, K., & Marcoen, A. (1999). *Representation of self and socioemotional competence in kindergartners: Differential and combined effects of attachment to mother and to father* [Versão electrónica]. *Child Development*, 70 (1), 183-201.
- Vertue FM. (2003) From adaptive emotion to dysfunction: An attachment perspective on social anxiety disorder. *Personality and Social Psychology Review*.;7:170–191.

ANEXOS

Anexo I. *Medidas de assimetria e curtose e testes de normalidade para as variáveis em estudo*

| | K | Momento1 | | K | Momento2 | |
|---|---------|------------|---------|-------------|------------|---------|
| | | Assimetria | Curtose | | Assimetria | Curtose |
| Ansiedade Social Observação por terceiros | ,165*** | 1,44 | 2,04 | ,167* ** | 1,49 | 2,28 |
| Desempenho social formal | ,118*** | ,785 | ,045 | ,152* ** | ,855 | -,009 |
| Interação Social | ,102*** | ,798 | ,145 | ,116* ** | 1,13 | 1,57 |
| Vinculação | | | | | | |
| Vinculação à mãe | ,101*** | -,745 | ,013 | ,072* ** | -,596 | -,239 |
| Vinculação ao Pai | ,080** | -,448 | -,480 | ,080* * | -,435 | -,576 |
| Vinculação aos Amigos | ,098*** | -,747 | ,477 | 0,65* * | -,651 | ,465 |

** p < .01 *** p < .0001

Anexo II. *Correlação entre as variáveis de ansiedade social e vinculação*

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
|--------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| 1) Vinculação à Mãe | - | ,54** | ,39** | -,30** | -,34** | -,30** |
| 2) Vinculação ao Pai | ,51** | - | ,38** | -,30** | -,32** | -,31** |
| 3) Vinculação aos Amigos | ,31** | ,17** | - | -,28** | -,22** | -,21** |
| 4) Interação | -,25** | -,28** | -,18** | - | ,79** | ,73** |
| 5) Observação | -,27** | -,28** | -,22** | ,74** | - | ,69** |
| 6) Desempenho | -,27** | -,32** | -,16** | ,65** | ,59** | - |

Nota: Acima da diagonal está o momento 1 e abaixo da diagonal o momento 2

** $p < .01$